

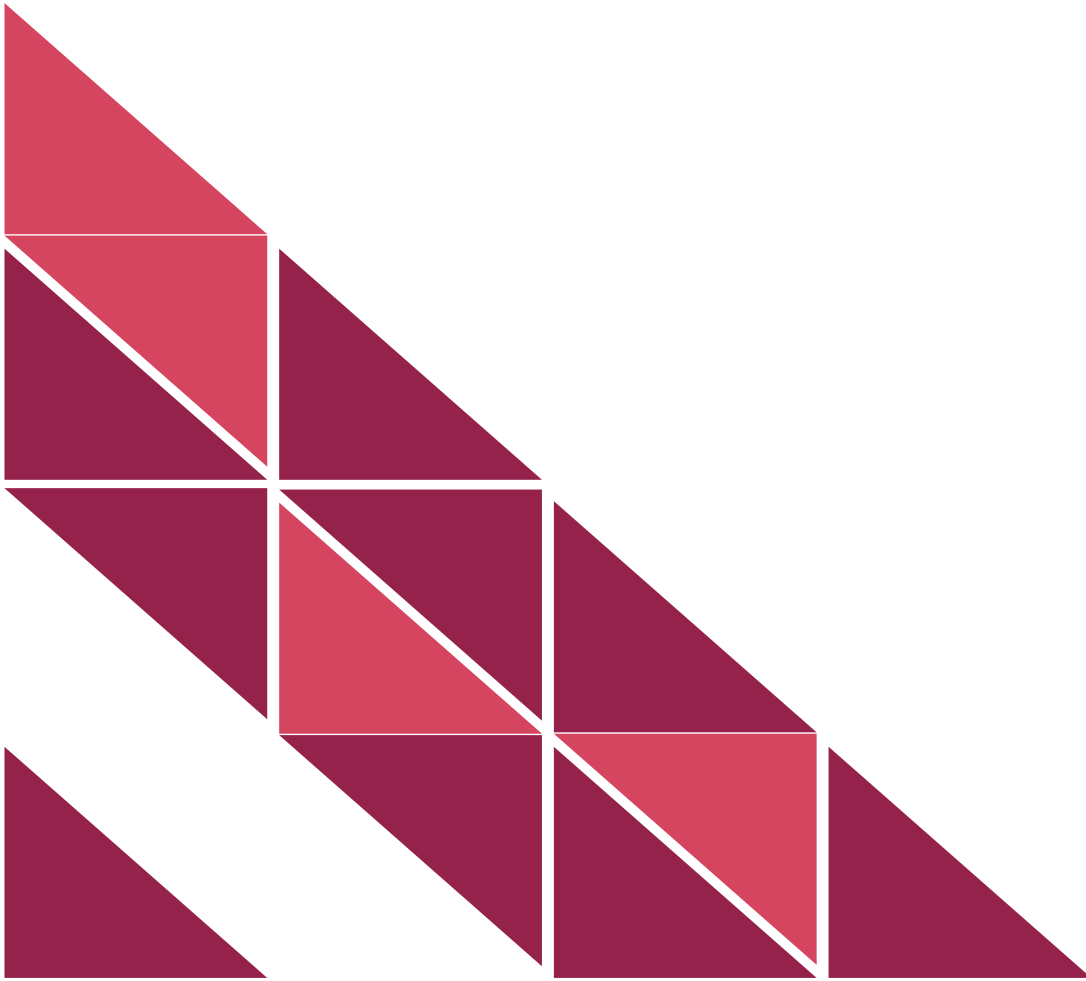
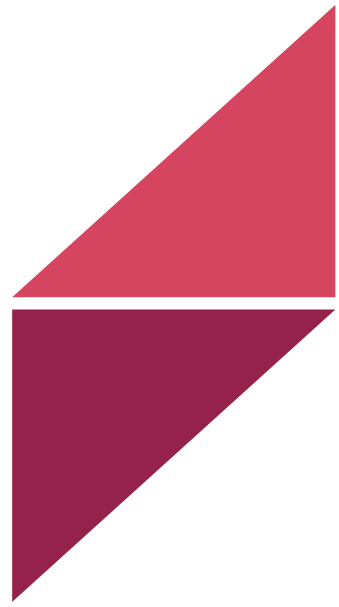


SÍNTESE ECONÔMICA

JUNHO / 2016



Fecomércio PE
Sesc | Senac
Instituto Fecomércio



SÍNTESE ECONÔMICA

JUNHO / 2016

Resumo

A economia brasileira mostra os reflexos da atual desaceleração econômica, com a continuidade nos desgastes dos principais indicadores para aferição do desempenho dos grandes setores. O Setor do Comércio Varejista restrito e ampliado segue com tendência de queda. A inflação e o desemprego alto são os principais combustíveis para a deterioração das vendas nos últimos meses. Os principais segmentos afetados são os que possuem a utilização do crédito e da confiança como motor de compra, impactados negativamente pela alta de juros e maior desemprego, além de um maior tempo para se realocar no mercado de trabalho. Tais fatores fazem com que a população retraia o consumo. Os “Serviços” também seguem tendência semelhante ao “Comércio”, porém são impactados diretamente pela baixa demanda industrial, que vem com nível de produção abaixo da média, fazendo com que o empresariado assuma um comportamento mais conservador e reduza investimentos na contratação, principalmente de serviços técnicos e de transporte.

O mercado de trabalho também se mostra desaquecido, com recordes de saldos negativos no setor formal e com uma taxa de desemprego trimestral ultrapassando os dois dígitos, mostrando que os setores, atualmente, estão cortando despesas – já que não possuem vendas e margem de lucro de anos anteriores – também através da redução de funcionários. A taxa de desemprego trimestral se encontra em 11,2% para o Brasil. Já o mercado formal encerrou aproximadamente 1,8 milhões de vagas no acumulado em 12 meses, encerrado em abril. Em 12 meses, o mercado de trabalho pernambucano fechou 81.044 postos de trabalho, com destaque negativo dos “Serviços” (-36.457), “Indústria de Transformação” (-17.020)

e “Construção Civil” (-16.625). A renda real brasileira continua abaixo dos R\$ 2.000,00, porém apresentou certa estabilidade em relação ao trimestre anterior.

Os Índices da CNC, que avaliam a confiança das famílias e empresários pernambucanos, confirmam que o atual momento de crise no país conseguiu impactar todas as regiões brasileiras, porém existe uma leve melhora das expectativas em relação ao futuro econômico e do setor, graças, principalmente, a uma nova equipe econômica com políticas mais próximas ao mercado, que fazem com que as expectativas possam apresentar leves avanços positivos. A intenção de consumo e a percepção em relação a fatores importantes das famílias também apresentaram melhora, apesar de continuar na zona negativa. Por fim, o endividamento apresentou queda em relação ao mês anterior, mas ainda se encontra acima dos 70%, mostrando uma percepção de dívidas ainda preocupante.

A Balança Comercial brasileira em junho demonstrar resultado ainda positivo, porém com tendência diferente dos meses anteriores. Como o Real obteve valorização frente ao dólar, ficando no patamar de R\$ 3,30, o saldo positivo que era fruto de alta das exportações e queda nas importações começa a perder força. Devido a valorização do real as exportações variaram -4,7% e as importações 14,7%, quando comparados ao mês anterior. A balança pernambucana apresenta déficit e comercializa a maioria dos produtos, aproximadamente 82% de toda a exportação, com apenas 5 países de uma lista de 61 destinos no mês de junho de 2016.

1. Comércio

Segundo a Pesquisa Mensal do Comércio do IBGE, o volume das vendas do Varejo brasileiro cresceu 0,5% em abril de 2016. As vendas voltaram a ficar no positivo após queda de -0,9% no mês anterior (lembrando que a comparação é a mensal, que compara o resultado do mês atual em relação ao mês imediatamente anterior). Essa alta conseguiu colocar a média móvel trimestral no patamar positivo após 4 meses abaixo de zero, podendo indicar o início de uma tendência de recuperação. Quando comparado a abril de 2015, o resultado ainda continua negativo. O indicador recuou -6,7%, sendo este o pior resultado para o mês em toda série histórica iniciada em 2001 – o segundo menor valor havia sido registrado em 2003, quando o indicador encerrou com recuo de -3,7%. No ano, janeiro a abril, o

acúmulo também é negativo e segue o indicador anterior, apresentando o pior resultado da série, caindo -6,7%. Vale destacar que a desaceleração verificada em 2016 é bastante grave, pois parte de uma base de comparação do ano de 2015, que apresentou quedas significativas.

Quando se analisa o acumulado no período de 12 meses, fica ainda mais clara a situação de desaquecimento do setor do comércio e a velocidade com que as vendas entraram no patamar negativo. No intervalo de apenas um ano, o indicador foi de 0,2% em abril de 2015 para -6,1% em abril 2016, sendo este o pior resultado para o indicador desde 2003, quando recuou -2,1%.

Gráfico 1



Em cenário mais preocupante se encontra o Varejo Ampliado, setor que agrega todos os índices do Varejo mais as atividades de “Veículos, motocicletas, partes e peças” e “Material de construção”, que continua com todos os indicadores apresentando taxas negativas. O comparativo mensal, anual, no acumulado do ano e em 12 meses recuou -1,4%, -9,1%, -9,3% e -9,7%, respectivamente.

Analisando por tipo de segmento, verifica-se que na relação abril/março apenas 3 apresentaram resultado positivo, sendo responsáveis pelo modesto crescimento de 0,5%. Foram eles: “Hiper, supermercados, prods. alimentícios, bebidas e fumo” (1,0%) – que foi impactado positivamente com a desaceleração da inflação do grupo alimentação e bebidas dentro do IPCA –, “Tecidos, vest. e calçados” (3,7%) e “Outros arts. de

uso pessoal e doméstico” (2,8%) – este setor pode ter sofrido influência de uma antecipação da comemoração do dia das mães. Os demais segmentos ainda sofrem com a crise econômica e estão sendo afetados de maneira considerável devido à alta dos juros – restringindo ainda mais o crédito –, ao desemprego acima dos dois dígitos e à inflação pressionada, tornando o orçamento das famílias ainda mais restrito e sacrificando o consumo dos demais produtos.

O comércio varejista pernambucano vem sendo impactado mais negativamente que a média nacional, com desempenhos bem negativos que aprofundam o setor em uma desaceleração

preocupante. O indicador mensal apresentou crescimento próximo ao brasileiro, com avanço de 0,4% em relação a março de 2016. Já quando comparado a abril de 2015, o recuo é de -10,2%, pior desempenho de toda a série para o mês de abril. Outro recorde negativo fica com o indicador do acumulado ao ano, caindo -10,9%, quase o dobro do segundo menor desempenho (-5,5%), verificado em 2003. Em 12 meses, é verificada uma tendência negativa e de aprofundamento da crise, com o acumulado do mês de abril de 2015 sendo o último resultado positivo.

Tabela 01 – Pernambuco – Variação do Comércio Varejista e Varejista ampliado por atividades

ATIVIDADES	MÊS/ MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR			ACUMULADO NO ANO	ACUMULADO EM 12 MESES
	DEZEMBRO	JANEIRO	FEVEREIRO		
Combustíveis e lubrificantes	-7,9	-8,0	-15,6	-12,1	-11,7
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-7,6	-10,2	-10,9	-8,9	-8,1
Tecidos, vestuário e calçados	-20,3	-15,6	-9,8	-17,0	-17,3
Móveis e eletrodomésticos	-24,7	-25,1	-23,6	-26,5	-24,7
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	12,6	5,2	1,6	4,0	5,6
Livros, jornais, revistas e papelaria	-27,8	-8,9	-8,5	-4,0	-6,5
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-12,0	-17,2	-20,4	-16,1	-27,9
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-11,1	-5,9	2,8	-4,4	-0,1
Veículos, motocicletas, partes e peças	-19,4	-30,2	-19,8	-25,6	-24,8
Material de construção	-17,8	-21,5	-19,5	-19,7	-13,5
Varejo	-10,6	-10,6	10,2	-10,9	-10,3
Varejo Ampliado	-13,4	-17,0	-13,5	-15,5	-14,4

Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), IBGE. Elaboração: Instituto Fecomércio-PE



Pernambuco vem sofrendo de maneira forte os impactos da desaceleração econômica brasileira, com reflexos negativos nas famílias, que sofrem com um orçamento mais restrito e direcionando a bens essenciais e fazendo com que as vendas do comércio apresentem consecutivas quedas. O estado apresenta também taxa de desemprego elevada, acima da média nacional, o que faz com que a confiança para consumir no médio e longo prazo produtos mais caros seja reduzida. Além desse fator, os altos níveis de demissão aumentam a percepção de endividamento, o que ajuda a reduzir o consumo. Crédito mais restrito e inflação alta também auxiliam a deterioração do nível de demanda, reduzindo a capacidade de financiamento e o poder de compras da população.

2. Serviços

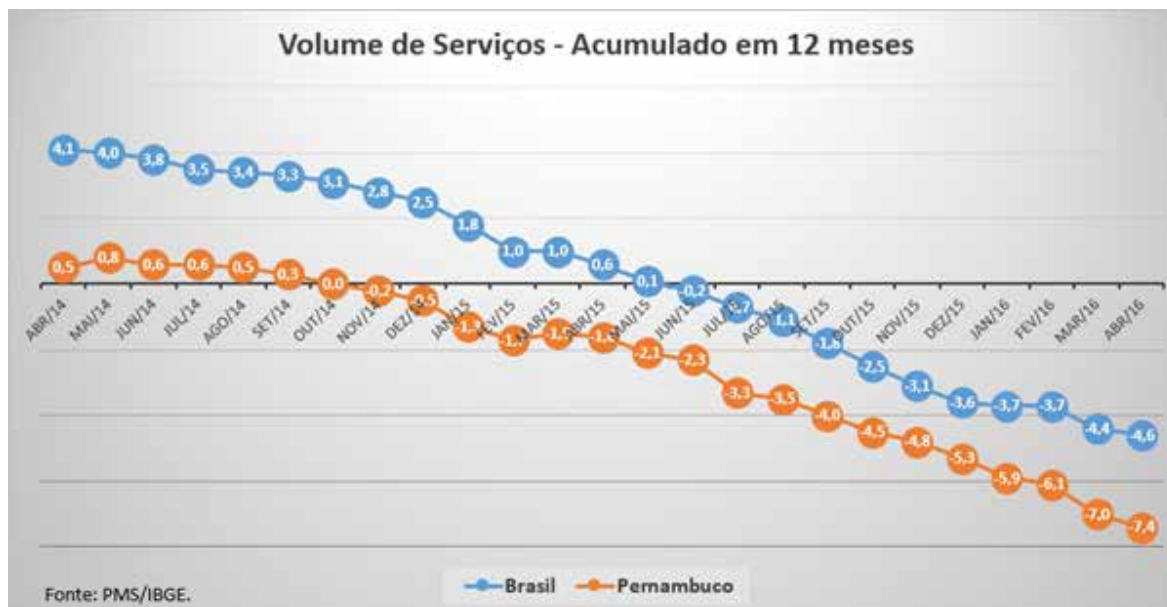
Segundo o IBGE, através da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), o volume de serviços no Brasil continua negativo no mês de abril de 2016. A queda foi de -4,5%, quando comparado ao mesmo mês do ano anterior, indicando o pior resultado para o mês em cinco anos de pesquisa e a décima terceira queda consecutiva. O número é bastante alarmante, pois parte de uma base de comparação negativa, já que em abril de 2015 o indicador havia recuado -2,9%. No acumulado do ano, janeiro a abril, a variação negativa é de -4,9%. Esta também é a pior taxa para o mês neste tipo de comparação e, da mesma forma que o anterior, tem como base de comparação um resultado negativo de -1,9%. Este é o segundo ano consecutivo que os quatro primeiros meses do ano acumulam variação negativa, revelando, assim, uma continuidade das dificuldades na

Diante desse quadro adverso, os segmentos pernambucanos mais impactados pela atual situação econômica são os que estão ligados ao crédito e à confiança. Os piores desempenhos ainda se encontram com “Móveis e Eletrodomésticos” (-23,6%), “Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação” (-20,4%), “Veículos, motocicletas, partes e peças” (-19,8%) e “Material de construção” (-19,5%). Na outra ponta e de maneira modesta se encontram “Outros artigos de uso pessoal e doméstico” (2,8%) e “Artigos farmacêuticos, med., ortop. e de perfumaria” (1,6%), com uma resistência ligada ainda à essencialidade dos produtos que, mesmo em momentos de redução no consumo, não podem ser retirados ou reduzidos de maneira relevante das cestas das famílias.

relação de venda dos serviços e um aprofundamento da crise no país.

O indicador que faz o comparativo no acumulado em 12 meses, conforme gráfico abaixo, revela a tendência de queda no volume de vendas. O último acúmulo positivo foi em maio de 2015 e apresentou uma modesta variação de 0,1%. Os resultados mensais sugerem ainda uma maior deterioração do setor durante o resto do ano. Todos os quatro meses iniciais de 2016 apresentaram taxas mais negativas que em 2015, revelando uma demanda mais fraca para absorção dos serviços e fazendo com que ocorra um agravamento no desempenho do indicador.

Gráfico 2



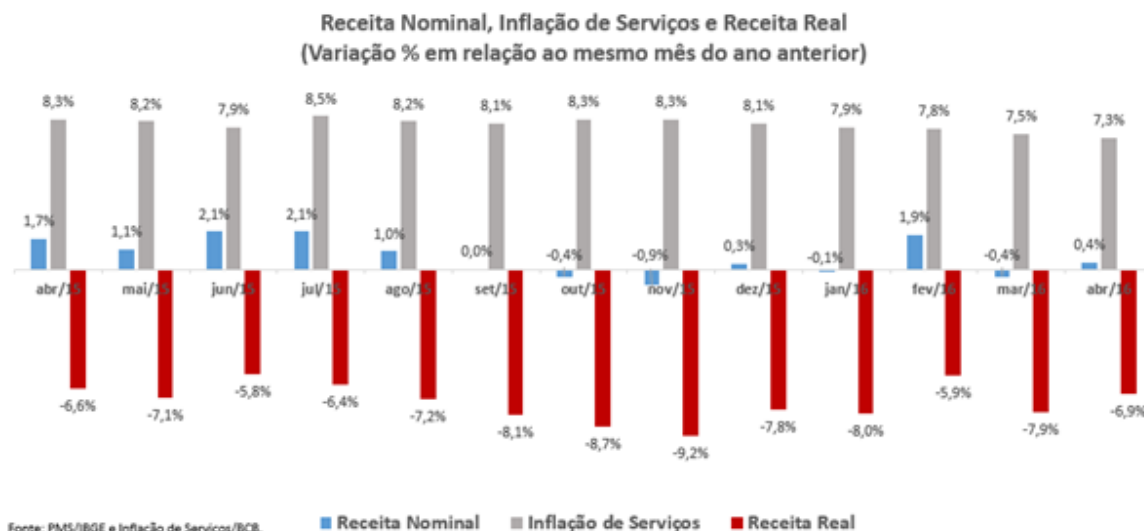
Analisando o resultado por tipo de serviço, verifica-se que no mês de abril todas as principais atividades apresentam recuo no volume – destaque negativo para “Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio”, que apesar de ter desacelerado em relação ao mês anterior ainda recuou -6,5%, e para “Serviços profissionais, administrativos e complementares”, que também apresentou resultado melhor que o mês anterior, porém caiu -5,4%. É importante salientar que assim como o comércio reflete a confiança das famílias, o setor de serviços tem o poder de refletir a confiança dos empresários, principalmente da indústria. Os dois serviços em destaque recuam principalmente por terem como principal demandante o setor industrial, que vem apresentando sucessivas quedas, fazendo com que o empresário tenha um comportamento mais conservador em relação ao investimento, reduzindo, assim, a demanda pelos serviços de transportes, principalmente o terrestre, e serviços profissionais, principalmente os técnicos.

Os “Serviços prestados às famílias” continua com grandes dificuldades em relação às vendas. A atividade apresenta em abril a vigésima terceira

queda consecutiva, com recuo de -3,0% em abril de 2016. O principal impacto negativo vem dos serviços de alojamento e alimentação, que estão sendo encarecidos por uma pressão inflacionária resistente no grupo de alimentação de bebidas do IPCA – em abril os preços acumulam variação de 5,79%, bem acima dos 3,25% da taxa geral.

Analisando o setor pela ótica da receita, verifica-se uma receita nominal oscilando entre resultados negativos e modestos resultados positivos. Em abril o crescimento foi quase nulo novamente e ficou em 0,4%, quando comparado ao mesmo mês do ano anterior. Para os acumulados no ano e em 12 meses os desempenhos foram 0,5% e 0,6%, respectivamente. Esses valores, apesar de baixos, não demonstram a magnitude do prejuízo pelo qual vem passando o setor de serviços, pois quando se analisa a receita real, que seria a receita nominal com a inflação de serviços descontada, revela-se um setor com desempenho ainda mais negativo.

Gráfico 3



A receita real continua na zona negativa, apresentando variação entre -5,0% e -8,0% nos últimos meses. Esse é o resultado de uma fraca demanda por serviços fazendo com que a receita nominal fique próxima a zero e em alguns meses atinja a zona negativa, somada a uma resistente inflação de serviços que se encontra acima dos 7%. A economia brasileira ainda não mostrou indícios de recuperação, fazendo com que a expectativa seja de manutenção das taxas reais negativas.

O setor de serviços pernambucano apresenta deterioração pior que a média nacional no volume de serviços, com os indicadores apresentando taxas mais negativas. O mês de abril de 2016 recuou -8,7%, quase o dobro do valor brasileiro, sendo este o pior resultado para os meses de abril desde o início da série histórica em 2012. Vale destacar que o resultado também parte de uma base de comparação já negativa, pois abril de 2015 recuou -3,8%, revelando um agravamento da crise do setor no estado. No ano e em 12 meses os acumulados

também são negativos e com desempenhos inferiores ao brasileiro, recuando -9,4% e -7,4%, respectivamente. A taxa em abril de 2016 para estes dois últimos indicadores também é a pior da série.

Analisando a taxa por tipo de serviço, verifica-se que diferente do resultado nacional, Pernambuco ainda apresenta duas atividades, das cinco pesquisadas, com resultados positivos. “Serviços prestados às famílias” vem com variação positiva pelo terceiro mês consecutivo, revelando que no estado os empresários ainda conseguem repassar o aumento dos custos para a população, pois o grupo de alimentação e bebidas na Região Metropolitana do Recife acumula alta de 6,16% em abril, valor superior ao acúmulo nacional para o mesmo grupo. O outro grupo com crescimento é o de “Transporte”, que variou positivamente 0,5%.

Tabela 02

ATIVIDADES DE SERVIÇOS	MÊS/ MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR			ACUMULADO	
	TAXA DE VARIAÇÃO			TAXA DE VARIAÇÃO	
	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	NO ANO	EM 12 MESES
Total	-7,0	-10,2	-8,7	-9,4	-7,4
1. Serviços prestados às famílias	2,0	2,7	3,4	-0,2	-3,1
2. Serviços de informação e comunicação	-5,9	-7,9	-8,9	-7,8	-8,2
3. Serviços profissionais, administrativos e complementares	-16,3	-22,7	-20,4	-24,4	-13,8
4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	0,3	-3,9	0,5	-1,8	-1,1
5. Outros serviços	-18,9	-17,7	-17,1	-16,5	-10,3

Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS)

O destaque negativo do desempenho das atividades ficou com “Serviços profissionais, administrativos e complementares”, que apesar de ter apresentado taxa superior ao mês passado, obteve um recuo significativo de -20,4%, segundo mês consecutivo abaixo dos 20% e o oitavo com queda acima dos dois dígitos. O setor é muito dependente da demanda industrial, pois carrega os serviços

técnico-profissionais que são intensivos em mão de obra. A indústria pernambucana vem apresentando desaceleração que, conseqüentemente, afeta o desempenho dessa atividade. Outro tipo de serviço com deterioração grave no volume é o “Outros serviços” que reflete o fraco momento do mercado imobiliário do estado, com redução de investimentos no setor de construção civil.

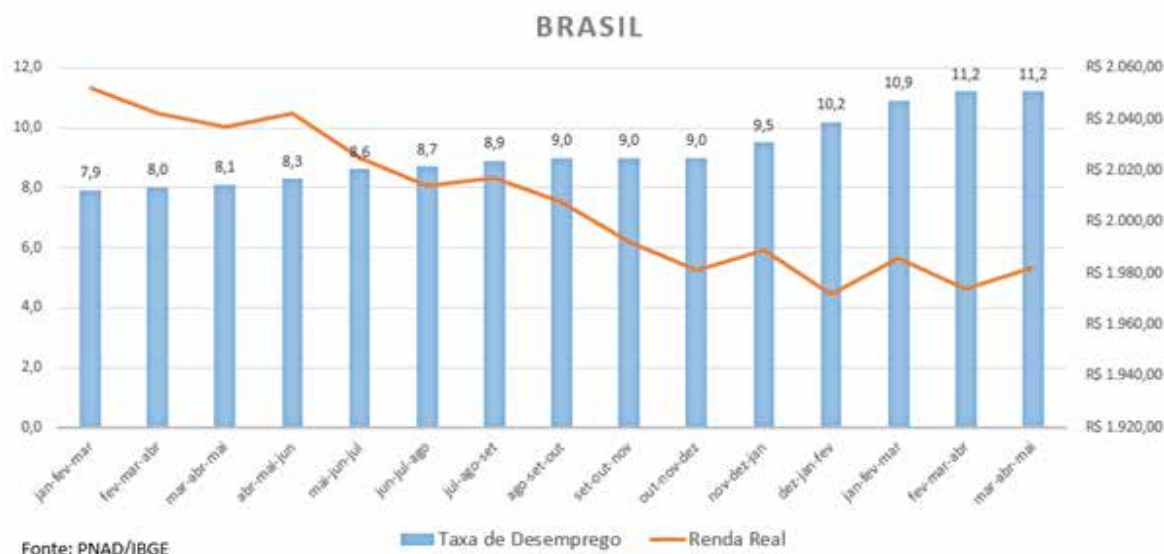
3. Emprego e Renda

O mercado de trabalho brasileiro continua mostrando desaceleração, com o ritmo de criação de vagas ainda reduzido, pressionando a taxa de desemprego. Segundo o IBGE, através da PNAD Contínua Trimestral, a taxa de desemprego no trimestre móvel encerrado em maio de 2016 ficou em 11,2%, ficando acima do trimestre móvel encerrado em fevereiro (10,2%) e do mesmo trimestre móvel encerrado em maio de 2015 (8,1%). A população desocupada foi estimada em 11,4 milhões de pessoas, apresentando crescimento de 1,1 milhão de pessoas em relação ao trimestre encerrado em fevereiro e 3,3 milhões em relação a maio de 2015. Já a população ocupada, estimada em aproximadamente 90,8 milhões, apresentou pequena variação em relação ao trimestre anterior e queda de 1,2%, quando comparado ao mesmo trimestre em 2015. Quando a análise é feita por tipo de grupamento, o destaque negativo fica com a construção civil (-227 mil pessoas) e agricultura (-161 mil pessoas),

variação comparada ao trimestre anterior. Os demais grupos, segundo a pesquisa, mostram estabilidade, não variando de maneira significativa.

Conforme gráfico abaixo, a renda mostrou modesta recuperação, indo de R\$ 1.972,00, no trimestre encerrado em fevereiro, para R\$ 1.982,00 no trimestre encerrado em maio, porém, quando a comparação é feita com o mesmo período do ano anterior, existe uma queda no rendimento real de -2,7%, quando o valor se encontrava em R\$ 2.037,00. Vale destacar que a renda se encontra abaixo dos R\$ 2.000,00 há sete trimestres móveis consecutivos, revelando, assim, uma maior dificuldade com o orçamento das famílias, que vêm perdendo poder de compra com a redução da renda média devido a demissões e à inflação, pressionando grupos essenciais como alimentação, habitação, transportes e cuidados pessoais.

Gráfico 5



Fonte: IPCA/IBGE. Elaboração: Instituto Fecomércio-PE

No mercado de trabalho formal, segundo os dados do Caged, o mês de abril de 2016 ficou com saldo de -62.844 mil empregos. Apesar de negativo, o resultado conseguiu ser inferior ao mesmo mês do ano anterior, quando foram encerradas em torno de 97,8 mil vagas. O estado que mais fechou vagas foi o São Paulo (-16.583) enquanto que Goiás ficou com o melhor resultado positivo, gerando 5.170 empregos. No ano, somando os resultados de janeiro a abril, o país já conta com 378.481 empregos a menos (série ajustada, incorpora as informações enviadas fora do prazo), já em 12 meses o acumulado ainda é pior, com 1,8 milhão de vagas encerradas. Vale destacar que neste último tipo de acumulado, o estado de São Paulo mantém o pior desempenho, com um saldo negativo em torno de meio milhão. Na outra ponta, apenas Roraima ainda apresenta resultado positivo de postos criados.

O mercado de trabalho em Pernambuco mostra-se tão desaquecido quanto o nacional, com saldo negativo de -5.255 empregos, o quinto pior entre todos os estados da federação e o segundo pior do Nordeste, ficando atrás apenas de Alagoas (-7.102). Quando se analisa o resultado por setor,

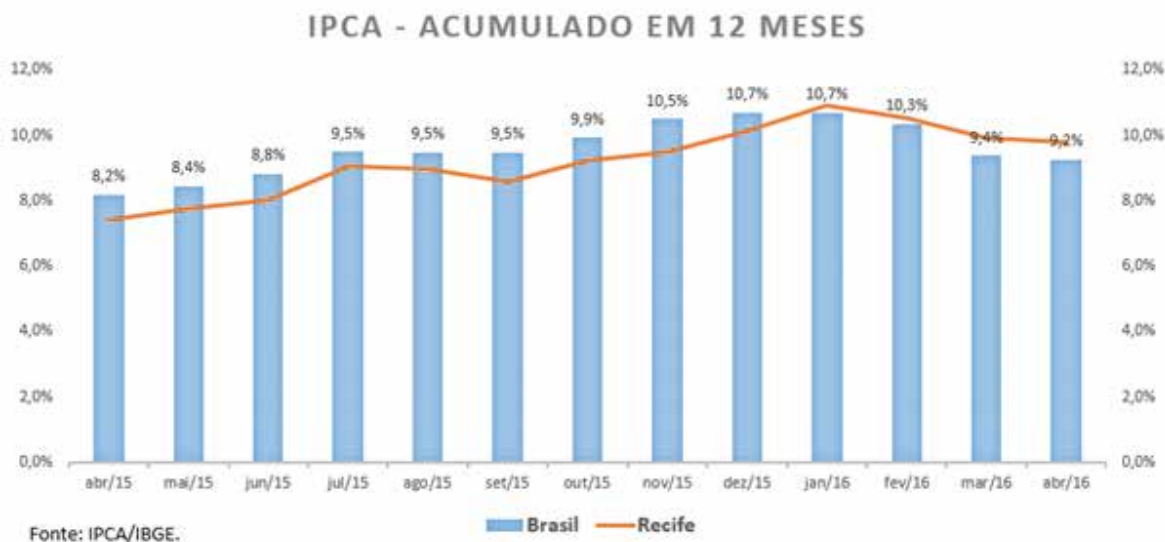
verifica-se que o pior desempenho se encontra com a “Indústria de transformação”, “Comércio” e a “Construção Civil”, que encerraram 2.907, 1.766 e 1.219 vagas, respectivamente. A indústria pernambucana vem sofrendo os impactos da desaceleração econômica de maneira mais forte que os demais setores. O estado que estava sendo destino de grandes investimentos públicos e privados nos últimos anos se vê atualmente com uma desaceleração desses investimentos, fazendo com que o setor sofra uma retração, refletindo, assim, na dinâmica do mercado de trabalho e acelerando o encerramento de vagas formais. No ano foram encerradas 45.710 vagas em Pernambuco, terceiro pior resultado em todo o Brasil e o primeiro do Nordeste – destas, 22.197 mil vagas no setor industrial e 9.579 no Comércio. Os dois desempenhos somados representam 70% de todos os empregos fechados de janeiro a abril de 2016. Em 12 meses, o mercado de trabalho pernambucano fechou 81.044 postos de trabalho, com destaque negativo dos “Serviços”, “Indústria de Transformação” e “Construção Civil”.

4. Inflação

A inflação brasileira, medida através do IPCA, quebra o curto momento de desaceleração que havia esboçado nos últimos dois meses, apresentando alta mensal de 0,61% em abril de 2016. Apesar da aceleração de um mês para o outro, o valor é inferior a abril de 2015, quando a alta foi de 0,71%. No ano, janeiro a abril, o acumulado é de 3,25%, valor inferior ao mesmo período de 2015, revelando que, ainda com pressão de alta, a inflação deste ano está com menor força que no ano passado. É possível que já no primeiro semestre de 2016 a meta de 4,5% seja ultrapassada, pois o ritmo da alta nos preços ainda é grande.

O indicador que mede a inflação acumulada nos últimos 12 meses teve queda expressiva de fevereiro (10,3%) para março (9,4%), saindo da casa dos dois dígitos, e continuou com uma queda em menor ritmo de março para abril, conforme gráfico abaixo. Vale destacar que apesar da aceleração mensal de março para abril, o resultado de abril de 2016 foi inferior ao de 2015, fazendo com que o acumulado desacelerasse.

Gráfico 6



Fonte: IPCA/IBGE. Elaboração: Instituto Fecomércio-PE

O IPCA de abril ficou bem acima das projeções do mercado, que segundo o Relatório Focus do Banco Central seria de 0,52%. A divergência revela que o repasse das altas dos custos ainda está sendo realizado de maneira forte para o consumidor, fazendo com que o nível geral de preços continue com trajetória de alta, mesmo que em menor ritmo que em 2015. Na primeira semana de abril, a projeção estava em exatamente 0,61%, na penúltima, caiu para 0,51% e foi reajustada para 0,52%, durante a última, porém a expectativa não conseguiu acompanhar a velocidade do repasse,

que provavelmente era aguardada para o mês seguinte. Para o mês seguinte, a projeção foi ajustada de 0,53% para 0,59%, o que pode ser modificado até o final do mês de maio, quando é lançado o Relatório. Para o ano, os analistas esperam uma inflação bem menor que em 2015, e que vem com projeções de desaceleração a cada período, caindo de 7,28% para 6,94%, existindo, assim, para o mercado, uma possibilidade mesmo que pequena do resultado em dezembro convergir para o teto da meta de 6,5%.

Analisando por tipo de grupo, verifica-se que a maior pressão para a elevação da taxa geral veio de “Alimentação e Bebidas”, que mesmo tendo taxa inferior ao mês anterior, indo de 1,24% para 1,09%, foi responsável por aproximadamente 46% na composição do resultado final. Vale destacar que o grupo é afetado pela alta dos preços dos produtos que fazem parte do consumo diário da maioria das famílias, como a batata-inglesa que acumula alta de 47,30% em 12 meses. Outro grupo que pressionou bastante foi “Saúde e Cuidados Pessoais” que avançou de forma expressiva indo de 0,78% em março para 2,33% em abril, devido a reajustes no preço dos remédios e demais serviços. Na outra ponta, “Habitação” mostrou recuo nos preços pelo segundo mês consecutivo.

A Região Metropolitana do Recife (RMR) após ter apresentado queda no nível dos preços no mês de março (-0,04%), acelerou de maneira significativa para 0,69% em abril. A taxa segue a mesma característica nacional, com retorno da aceleração mensal, porém com menor ritmo que no mesmo período do ano anterior, já que em abril de 2015 o índice cresceu 0,78%. No acumulado ao ano, janeiro a abril de 2016, a taxa foi de 3,28%, valor inferior ao mesmo período de 2015 (3,59%) e maior que o resultado nacional em 0,03%. Em 12 meses a tendência de queda no nível geral dos preços é mais clara, com os últimos quatro meses obtendo valores inferiores ao anterior. O acumulado de janeiro, fevereiro, março e abril foi de 10,9%, 10,5%, 9,9% e 9,8%, respectivamente.

Tabela 03 - Região Metropolitana do Recife - IPCA 2016

GRUPO	VARIÇÃO		IMPACTO (P.P.)	
	MARÇO	ABRIL	MARÇO	ABRIL
Índice Geral	-0,04	0,69	-0,04	0,69
1. Alimentação e bebidas	0,02	1,54	0,01	0,44
2. Habitação	-0,30	-0,38	-0,04	-0,05
3. Artigos e residência	0,73	0,09	0,04	0,00
4. Vestuário	-0,67	0,09	-0,05	0,01
5. Transportes	-0,12	0,32	-0,02	0,05
6. Saúde e cuidados pessoais	0,57	2,13	0,07	0,27
7. Despesas pessoais	-0,17	-0,41	-0,02	-0,04
8. Educação	-0,11	0,32	-0,01	0,01
9. Comunicação	-0,68	0,04	-0,02	0,00

Fonte: IPCA/IBGE.

Na análise por grupo, destaca-se negativamente “Alimentação e Bebidas” que teve um salto grande de 0,02% em março para 1,54% em abril, contribuindo com aproximadamente 0,64% de toda a taxa, graças a reajustes nos valores da batata-inglesa, mandioca e manteiga, que por fazerem parte do dia a dia da maioria da população têm maior relevância e conseguem pressionar de maneira mais relevante o índice geral. Assim como para o Brasil, o grupo de “Saúde e Cuidados Pessoais” também auxiliou na alta do IPCA na RMR, indo de 0,57% em março para 2,13% em abril e contribuindo com

0,27 p.p. para a formação da taxa, sendo esta a segunda maior contribuição. É importante destacar que mesmo a variação de “Alimentação e Bebidas” sendo inferior à de “Saúde e Cuidados Pessoais” o primeiro contribui mais em pontos percentuais, pois apresenta peso maior na composição geral – o primeiro com 28,3% e o segundo 12,6%. Os demais grupos não apresentam variações bruscas, com “Comunicação” e “Artigos de Residência” ficando com valor nulo, e “Habitação” e “Despesas Pessoais” mostrando recuo nos preços pelo segundo mês consecutivo.

Os cinco produtos com maior variação positiva em abril para a RMR foram a Batata-inglesa (17,73%), a Manteiga (15,66%), o Mamão (14,55%), a Farinha de mandioca (13,99%) e a Manga (11,07%). Na outra ponta, os produtos que tiveram o preço apresentando

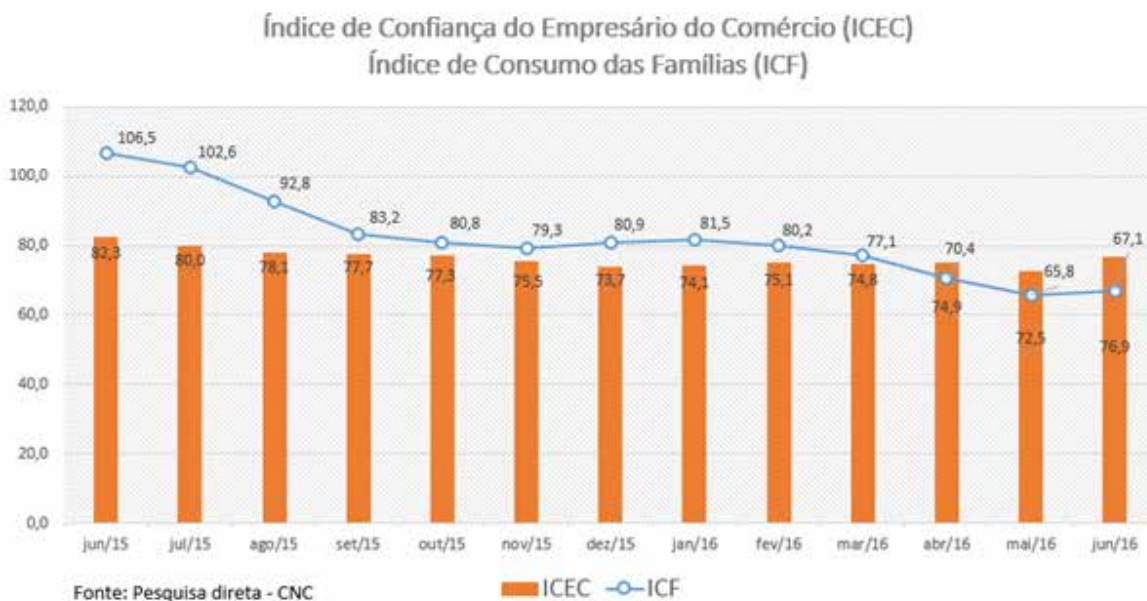
variação negativa foram Alho (-9,20%), Peixe sardinha (-6,75%), Coentro (-6,61%), Passagem aérea (6,61%) e Energia elétrica residencial (-6,51%).

5. Índices CNC

O Índice de Confiança do Empresário do Comércio (ICEC), apresentou recuperação significativa entre maio e junho, saindo de 72,5 pontos para 76,9 pontos. A magnitude do avanço positivo não era verificada há bastante tempo, criando, assim, um indicativo de que em Pernambuco a confiança pode ser restabelecida de maneira mais rápida. Porém o indicador ainda permanece na zona negativa (abaixo dos 100 pontos), apontando que os empresários ainda possuem alta desconfiança em relação aos rumos da economia. Quando se analisa os subíndices que compõem o indicador, verifica-se que a percepção em relação à condição atual da economia variou positivamente, porém as avaliações do momento atual do setor e da empresa

variaram negativamente. O primeiro subíndice pode ter sido influenciado pela troca de governo, que acabou colocando uma equipe econômica que possui maior proximidade com o mercado, apresentando um foco mais ortodoxo na condição da economia. Já o segundo e o terceiro refletem as condições econômicas atuais com inflação, juros e desemprego ainda em patamar elevado. A avaliação em relação ao momento futuro da economia, empresa e setor, apresentou crescimento, assim como as expectativas em relação à contratação de funcionários e nível de estoque, dando um indicativo de que o empresário atualmente pode ter começado a acreditar em uma recuperação econômica no médio prazo.

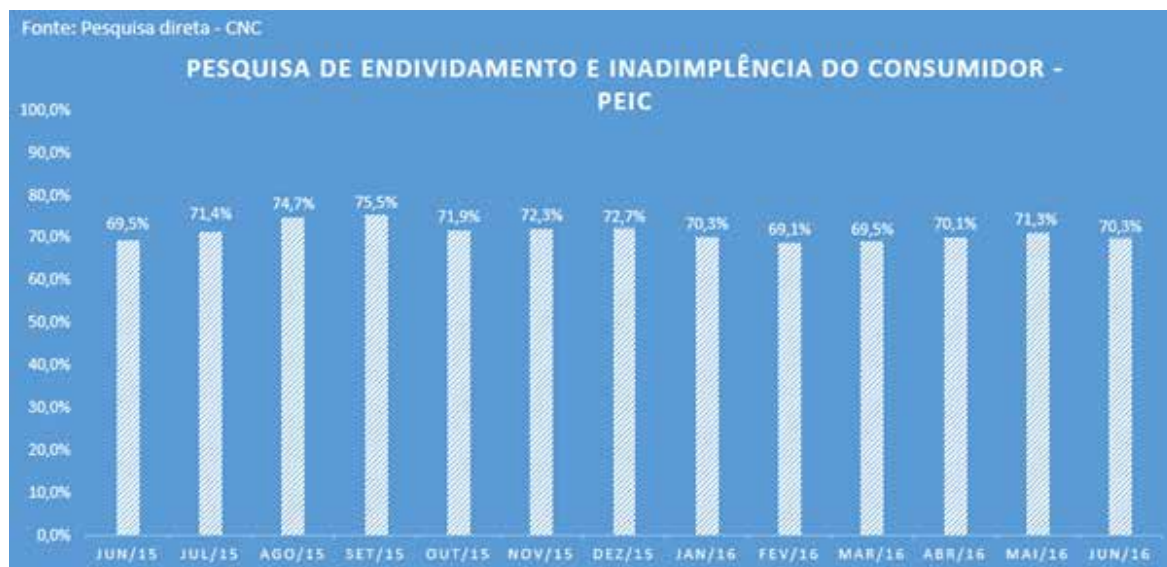
Gráfico 7



O Índice de Consumo das Famílias (ICF) pernambucanas ainda continua na zona negativa (abaixo dos 100 pontos), porém apresentou crescimento de maio (65,8 pontos) para junho (67,1 pontos). Dos sete subíndices que compõem a pesquisa, apenas a avaliação do emprego atual continua na zona positiva (103,1 pontos), todas as outras estão com percepção negativa. Vale destacar que apesar dos demais subíndices se encontrarem abaixo da zona de indiferença, variaram positivamente em relação ao mês anterior. Sendo assim, ocorreu leve melhora em relação à percepção para renda atual, compra a prazo, nível de consumo atual, perspectiva de consumo e o melhor momento para aquisição de bens duráveis.

A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), após três altas consecutivas, volta a cair e se encontra em 70,3%. O valor é superior a junho de 2015 que estava em 69,5%, mostrando que a percepção de endividamento familiar aumentou 0,8% em um ano, equivalente a um acréscimo de aproximadamente 6 mil famílias. Do total de endividados, 30,7% estão com contas em atraso, valor superior em 0,9%, quando comparado ao mês anterior e 4,5% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Em situação mais crítica se encontram 87.888 mil famílias, que não terão condições de efetuar o pagamento, acréscimo de 19.908 mil no comparativo anual e redução de 1.362 no mensal.

Gráfico 8



Fonte: Pesquisa Direta CNC.

O principal tipo de endividamento ainda é o cartão de crédito, sendo apontado por 92,3%, e o carnê com 13,0%, seguidos do crédito pessoal (5,2%) e do crédito consignado (2,9%), revelando um orçamento mais restrito que obriga as

famílias a utilizar tais linhas de crédito para financiar o consumo. A maioria dos endividados informam que as dívidas estão com tempo de atraso em torno de 30 a 90 dias, comprometendo menos de 10% da renda.

Balança Comercial

A balança comercial brasileira continua com saldo positivo no mês de junho, porém já é notório o começo de um comportamento diferente dos meses anteriores, com a exportação apresentando, em relação ao mês anterior, queda de -4,7% e a importação crescendo 14,7%. A valorização do Real frente ao Dólar no mês de junho de 2016, ficando em torno dos R\$ 3,30, vem fazendo com que a tendência de aumento da competitividade dos produtos brasileiros em relação aos estrangeiros perca força. O saldo, exportação menos importação, ficou em aproximadamente US\$ 3,9 bilhões em junho de 2016, valor inferior aos US\$ 6,4 bilhões de maio 2016 e aos US\$ 4,5 bilhões de junho

de 2015, a balança acumula nos seis primeiros meses do ano saldo positivo de US\$ 23,6 bilhões.

A balança comercial de Pernambuco, continua com déficit em junho, a valorização do real fez com que a exportação variasse positivamente abaixo da importação, crescendo 11,0% e 35,6% em relação ao mês anterior, respectivamente. Vale destacar que o saldo da balança pernambucana é historicamente negativo, com um dos menores valores nos últimos 16 anos ficando com o ano de 2005, quando encerrou o período com déficit de -19,8 milhões.

Tabela 04 - Pernambuco - Principais Destinos de Exportação - Junho / 2016

ORDEM	PAÍS	US\$	KG LÍQUIDO
1	Argentina	33.478.550	4.560.902
2	Cingapura	26.982.339	139.949.511
3	Estados Unidos	21.509.242	19.208.426
4	Espanha	19.509.242	19.208.426
5	Itália	17.218.263	40.491.489
6	Demais Países	26.266.356	19.047.526
TOTAL GERAL		144.964.527	256.528.316

Fonte: MDIC. Elaboração Fecomércio-PE.

No mês de junho os principais destinos da exportação pernambucana foram Argentina, Cingapura e Estados Unidos, que juntos somam aproximadamente 57% de todo o volume do mês, com a inclusão de Espanha e Itália, quase 82% de todo o destino das exportações são direcionados a apenas 5 países de uma lista de 61. Vale destacar que os produtos mais transacionados foram “Veículos automóveis para transporte de mercadorias” na Argentina, “Veículos automóveis

para transporte de mercadorias” em Cingapura e “Poliacetais, outros poliéteres e resinas epóxicas, em formas primárias; policarbonatos, resinas alquídicas, poliésteres alílicos e outros poliésteres, em formas primárias” para os Estados Unidos, mostrando que a instalação das indústria petroquímica e automobilística na última década vem trazendo resultados importantes para a comercialização do estado com o mundo.

Referências

GERÊNCIA DE INVESTIMENTOS/BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Focus – Relatório de Mercado..**

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD Contínua Trimestral.**

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Índice de Preço ao Consumidor Amplo (IPCA).**

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Mensal do Comércio (PMC).**

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS).**

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS).**

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Índice de Consumo das Famílias (ICF).**

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Índice de Confiança do Empresário do Comércio (ICEC).**

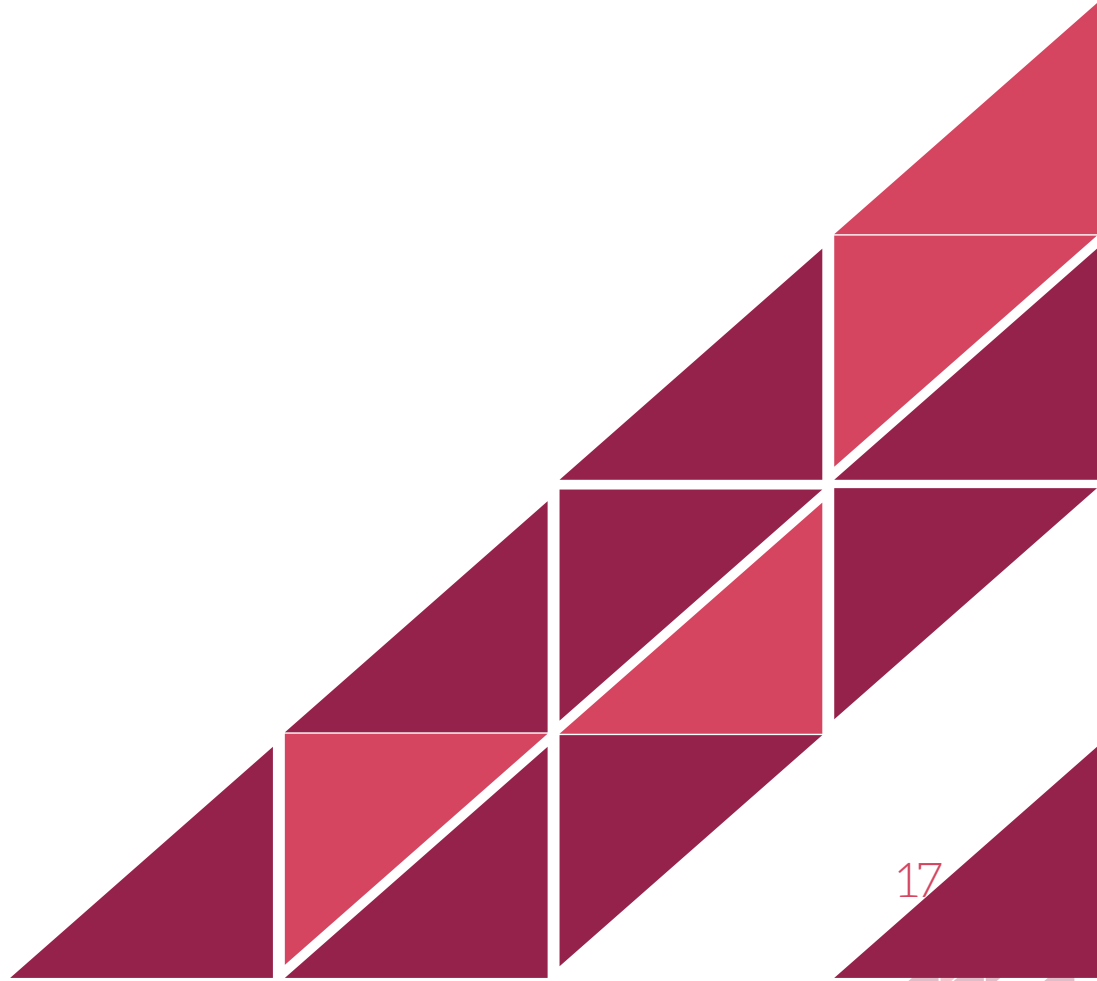
CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic).**

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. **Balança Comercial.**

MINISTÉRIO DO TRABALHO, EMPREGO E PREVIDÊNCIA SOCIAL. **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados Caged.**

EXPEDIENTE - FECOMÉRCIO-PE

Presidente: Josias Silva de Albuquerque
Diretora-executiva do Instituto Fecomércio: Brena Castelo Branco
Economista: Rafael Ramos
Designer: Nilo Monteiro
Companhia do Texto (Revisão):
Iaranda Barbosa - Revisões Textuais





WWW.FECOMERCIO-PE.COM.BR